

Morte suspeita na Clínica Planalto

OLIVIER BOELS

Exame detectou vestígios de cocaína em mulher que estava internada

ÁUREO GERMANO

A morte de uma das pacientes da Clínica de Repouso Planalto, fechada por causa de irregularidades constatadas pelo Ministério Público do DF, pode ter sido causada por overdose de cocaína. A hipótese mais provável é que o produto tenha sido consumido dentro das dependências da instituição, que fica em Planaltina.

O fato foi constatado após a realização do exame cadavérico da doente mental Vilani Ferreira de Carvalho, de 41 anos. Em seu corpo os legistas do Instituto de Medicina Legal (IML) encontraram vestígios da droga que provavelmente causou-lhe uma parada cardíaca.

Ela foi internada por familiares no Hospital São Vicente de Paula, em Taguatinga, no dia 6 de fevereiro. Segundo seu irmão, Antônio Ferreira de Carvalho, 34, as internações eram constantes na vida da paciente. Depois da última, ele nunca mais a viu com vida.

A família só soube do falecimento no dia 13 daquele mês, quando também foi informada que Vilani havia sido transferida, dias antes, para a Clínica Planalto. A surpresa com a morte da mulher foi ampliada com o laudo cadavérico que constatou a presença de cocaína na urina da vítima. "Informamos que o exame laboratorial solicitado teve o seguinte resultado: cocaína: positivo; maconha negativo; ópio/barbitúricos/anfetaminas: não detectados", revela o laudo assinado pelo

médico Eduardo Vasconcelos, do IML.

Antônio garante que sua irmã tomava diversos tipos de remédios controlados. Entretanto, nega categoricamente que ela tenha sido usuária de tóxicos, como a cocaína que foi encontrada em seu corpo. "Minha irmã tinha mentalidade de uma criança de sete anos de idade".

As suspeitas de que a paciente tenha se drogado dentro da clínica é reforçada por vasta literatura médica que explica, segundo o Ministério Público, que a cocaína só pode ser detectada em exames de urina e vísceras até 72 horas após seu consumo. "Nesse tempo ela estava internada lá", afirma o irmão.

A denúncia foi encaminhada ao promotor do Pró-Vida Diaulas da Costa Ribeiro, que está investigando o caso. Outras três mortes, ocorridas na instituição no ano passado, também estão sendo apuradas. "Pode ser que se tratem de homicídio", afirma Diaulas.

As investigação da Pró-Vida constatou diversas irregularidades na clínica. Dentre elas, sedação excessiva de pacientes, condições inadequadas das instalações e de higiene, maus-tratos, excesso de internos e poucos médicos. A direção da Clínica argumentou que não estava recebendo os repasses da Secretaria de Saúde desde o ano passado. Na quarta-feira a secretaria transferiu para hospitais públicos o restante dos 127 pacientes que ainda permanecia na clínica.



Maria Alexandra, mãe, e Antônio Ferreira, irmão de Vilani: queixas antigas contra a clínica

Vilani era os olhos da mãe

"Minha família acabou", queixou-se Maria Alexandre, mãe de Vilani, ainda abalada pela morte inexplicada da filha. Desde que ficou completamente cega, após ser submetida a uma cirurgia de glaucoma malsucedida, ela passou a depender dos olhos e dos favores que eram prestados sem reclamações pela filha doente mental.

Vilani a auxiliava nas tarefas mais simples: lavava louças, arrumava a casa e ajudava a mãe a mover-se pelos corredores da pequena casa situada na Quadra 517 de Santa Maria, sem esbarrar nos móveis.

Somente quando entrava em crises Vilani era afastada

dos afazeres domésticos e da companhia da mãe. Desde os 17 anos ela era acometida de constantes crises mentais que a faziam perder a noção do tempo e do espaço. Ficava por dias conversando assuntos desconexos com ela mesma. Entretanto, enquanto estava fora de si, lembra Maria Alexandre, não agredia ninguém.

Desde os 17 anos de idade, quando as crises se agravaram, Vilani foi internada por 19 vezes em instituições de diversos estados. Três delas ocorreram na Clínica de Repouso do Planalto.

Antônio Ferreira de Carvalho, irmão da paciente, conta que em 1999 sua irmã foi internada pela segunda vez na-

quela instituição. "Ela entrou pesando 83 quilos e saiu com pouco mais de 48 quilos; o tratamento era desumano", queixa-se.

O promotor do Pró-Vida, Diaulas Costa Ribeiro, afirmou que irá apresentar denúncia contra todos os responsáveis pelo tratamento a que eram submetidos os pacientes da Clínica Planalto.

O deputado distrital Peniel Pacheco (PSB) defendeu a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar denúncias de desaparecimento de pacientes que estavam internados na clínica e outros fatos ligados ao tratamento de doenças mentais no DF.